

PONTO de Vista

Edição n. 7 - Março de 2021



Centro Acadêmico Bernardo Sayão (CABS)

Editorial

A presente edição do ponto de vista foi elaborada pela gestão 2018/2019 no contexto das mobilizações em defesa da educação e contra os ataques do governo federal ao longo do primeiro semestre de 2019.

Algum tempo se passou desde aquela data, uma pandemia aconteceu e seguimos em isolamento social e com ensino remoto compulsório, mas o cenário das instituições públicas de ensino e pesquisa não melhorou. O ataque mais recente é o Projeto de Lei (PL) nº 529/20 que, entre outras coisas, confiscaria o “superávit financeiro” das Universidades Estaduais Paulistas. Esse dinheiro, na verdade, constitui as reservas técnicas, essencial para manter em pleno funcionamento os serviços de pesquisa, ensino, extensão (incluindo o hospital).

Também foi durante este momento de pandemia, em que a maioria de estudantes não está presente na Universidade e a mobilização política é tão difícil que a reitoria decide uma série de retrocessos internos. Além de cortes e de uma implantação de ensino remoto “à canetadas” através das GRs, surge agora uma proposta absurda que visa diminuir o número, e dificultar o acesso às bolsas SAE.

Assim, entendendo que a situação ainda é preocupante e o tema de defesa da Universidade Pública ainda é muito relevante, a gestão CABS 2020 decide por publicar essa versão do PV elaborada pela gestão 2018/2019.

Equipe PV/CABS
Gestão 2020

Editorial 2019

Diante da conjuntura política nacional o CABS se viu na necessidade de criar uma versão do PV a fim de avançar o debate sobre a importância de defender a Universidade Pública. Apesar dela não condizer com um projeto de universidade realmente democrática e representativa do povo, a Universidade Pública brasileira é um local importante de progresso do conhecimento e também de luta política.

Neste ano em que o manifesto da reforma universitária de Córdoba completa 101 anos, vale ressaltar que os alicerces do que foi defendido ali ainda se constituem como a essência da Universidade Pública de fato. A *autonomia das universidades* (e da ciência) em relação ao Estado ou quaisquer instituições que não visem um progresso sincero do saber. A *liberdade de cátedra*, para que docentes sejam livres para passar o conhecimento do modo que considerarem mais benéfico para os estudantes, sem limitações no conteúdo ou na forma das aulas. A *gratuidade* - que não é condição suficiente, mas sem dúvidas é condição necessária - para garantir que o acesso a ela não esteja atrelado a sua posição sócio-econômica. *Democracia universitária*, para que os rumos da instituição sejam decididos por quem de fato a compõe: docentes, mas também estudantes e demais funcionários.

Há bastante tempo existe um processo de precarização da Universidade Pública e isso se intensifica agora em um momento em que até a ciência passa a ser duramente atacada e deslegitimada pelo governo e seu discurso. Além dos recentes cortes nas verbas destinadas às universidades federais e também em bolsas de agências de fomento a pesquisa, há a intensificação de um discurso anti-científico que reduz a pesquisa científica - não só dentro da universidade - a nível de opinião.

Por outro lado, nos vemos num momento bastante importante da história da Unicamp: tivemos nosso primeiro vestibular com cotas raciais e também o vestibular indígena, importantes conquistas da greve e ocupação da reitoria que aconteceram em 2016. Achamos válido lembrar que as conquistas em 2016 foram fruto de muita luta e mobilização conjunta dos estudantes de todo o campus. E foi só com essa luta e com grande disposição que foi possível dar um passo adiante na aproximação da universidade pública com a população.

Hoje, na conjuntura política que nos encontramos, a mobilização conjunta dos estudantes é mais do que necessária. Novamente se abre um momento para a universidade dar mais um passo rumo à uma aproximação com o povo. Será só através de lutas contra a precarização desta, em defesa da ciência, e em defesa dos direitos dos trabalhadores que conseguiremos avançar e construir uma Universidade pública, autônoma, gratuita, diversa e democrática.

Equipe PV/CABS
Gestão 2018/2019

Cair fora!

Corremos apressadamente em retirada. De repente, uma mulher abre a porta da sua casa e deixa entrar alguns de nós.

- Aqui não vão entrar esses policiais filhos da puta!

No meio do barulho da confusão toda, consigo ouvir um aviso já entrando na casa da senhora. "Vamos ao parque César Vallejo". Eu iria logo.

Dentro da casa somos uns dez caras. Vários estudantes ficaram fora e pela janela vemos muitos correndo para se perder entre as estreitas quadras do bairro.

Aquele dia ficamos dispostos a tudo e com a moral lá no topo. Depois de ter a universidade parada por uma semana, apareceram novas evidências da corrupção da reitoria. Além disso, foi revelado um plano no qual a reeleição do reitor ia se consumir: haviam alunos do CONSU, que aceitaram a suja e baixa proposta da máfia de votar pelo reitor-candidato em troca de umas bolsas e estágios na França, e assim conseguir a maioria necessária para validar a ignomínia e "legalizar" aquele lixo todo.

Tínhamos que trancar a Avenida Tupac Amaru, a segunda maior naquela parte da cidade. Embora, éramos a turma dos "calouros de Ciências", erámos dos mais animados na hora da bagunça, e sabíamos que isso que estávamos conhecendo aos poucos já mostrava muitos sinais de não corresponder à expectativa que tínhamos da universidade pública: mediocridade, corrupção, brigas entre professores, etc. Aquela universidade que foi outrora catalogada como uma das melhores do país e ainda tinha um dos mais exigentes vestibulares, agora trazia alunos para um nível de educação de regular para baixo; ou

senão, seduzia-os com bolsas e estágios em troca de algum favor para a autoridade. Grupos de pesquisas? Laboratórios com equipamentos novos? Nem sombra. As denúncias de corrupção ratificaram o evidente e as propostas dos líderes estudantis as achei convincentes. Fiz uma declaração na reunião da turma em apoio à paralização e a todos os pontos da lista de exigências. Pelo calor do ambiente e a natural rebeldia juvenil, vários se mostraram a favor. Alguns outros se desentenderam do assunto e foram jogar videogames.

"Renúncia do reitor"

"Voto universal"

"Reforma universitária"

Aquela manhã estava fria e cinzenta. Quando apareceram as câmaras dos noticiários, sabíamos que tinham que nos ouvir, íamos aparecer na mídia. No meio da avenida trancada, centenas de estudantes faziam cartazes, pequenos grupos conversavam, se respirava um ar de agitação e expectativa. Gostei desse ambiente democrático.

Num momento começaram aparecer rumores que já estavam começando chegar os tanques policiais. A gente começou a se preparar. Não íamos deixar que nos esmagassem por essa corporação repressora ao serviço dos corruptos.

- Vamos resistir! Somos estudantes!

Mas a força policial foi contundente e chegaram apavorando toda a garotada com bombas de efeito moral e de gás lacrimogêneo. Mesmo assim, no meio dessa nebulosidade produzida pela espetacular chegada das forças da "ordem", conheci a coragem na minha frente: vários companheiros ficaram em pé se enfrentando mão a mão com a repressão. É claro que o puro idealismo perdia frente à força da realidade. Com os tanques já perto, chegou o momento de correr, com todos os outros. E foi quando nossa senhora salvadora apareceu.

- É melhor sair da casa! Têm que sair por trás!- O filho da dona quebra a tensão na sala.

Nervosos, vamos para trás da casa onde ele já tinha colocado uma mesa. "Agora só é escalar a parede e ir pra casa do lado, cair fora!".

- Foda! Os policiais estão querendo entrar em propriedade privada?

- Eles querem prender a todos.

- Vamos levar uma surra feia.

Como um infame roteiro de um filme de perseguição policial, começamos ouvir gritos com ordens de deixar entrar em casa. A dona não ia lhes permitir entrar de jeito nenhum. No meio desse barulho de discussão, os

agentes começaram a quebrar os vidros da porta.

- Caralho! Temos que dar o fora daqui! - nesse ponto, achava que ia terminar morto se os policiais me prendessem.

Com esforço consegui escalar a parede. Era fugir na hora.

- Me deixa aqui não, parça! - gritou Max, se segurando com dificuldade no topo do muro. Olhei seus olhos e reconheci neles meu próprio medo. Eu segurei seu pulso e puxei. Ele conseguiu subir no instante que eu notei fardados já entrando no lugar onde havíamos acabado de sair.

Para onde? Não sei, mas tínhamos que correr longe naqueles telhados desconhecidos. Mas é verdade dizer que não demos mais que um passo. Você sente um vazio, uma nada, quando dá um passo em falso na vida, e foi o que eu descobri, e fiz descobrir a esses meus camaradas, quando minha pisada destruiu aquele telhado frágil e começamos cair para algum térreo sem razão nem permissão. Nesse instante aéreo, síntese daquele dia memorável, me perguntei se assim de caprichosa ia ser a vida que viria.

Jorge Fernández Herrera

Por que incentivar pesquisas nas humanidades e nas artes?

As artes e as humanidades ocupam um lugar bastante marginal na sociedade atual quando comparadas com as ciências exatas e as ciências médicas. Em primeiro momento parece difícil contestar essa posição, sobretudo numa sociedade desigual e cheia de deficiências como a realidade do Brasil. *Por quê financiar uma pesquisa que não é útil para suprir as carências do povo brasileiro?*

Em primeiro lugar gostaria de ponderar sobre o suposto retorno “mais imediato” das pesquisas nos campos das ciências exatas e médicas: quem tem acesso de fato ao estado da arte da medicina, à tecnologia de ponta, a tudo que é mais “útil” nesses campos e com maior potencial de suprir nossas necessidades? Sem dúvidas a resposta não é “toda a população brasileira”. Vivemos num modo de produção em que o acesso à produção humana é necessariamente mediada pela capacidade econômica individual.

Me parece bastante lógico que os governantes do nosso país sustentem a hierarquização dos saberes como descrito acima: todos são pertencentes às elites, têm acesso aos melhores hospitais, às melhores tecnologias, aos melhores tratamentos e remédios, etc. Mas ao restante da população, esse argumento é falso. Não existe um retorno rápido do que se produz nesses campos para o povo em geral.

Mas isso quer dizer que não se deva produzir esse tipo de conhecimento? Pelo contrário, acho que é muito importante que continuemos a pesquisar esses aspectos mais aplicados, mas sempre em conjunto com outros saberes

igualmente importantes se levarmos em conta todo o caminho que a técnica percorre até chegar na população. Enquanto que as ciências médicas provêm a técnica necessária para um determinado tratamento, são carreiras da área das humanidades que se preocupam com a gestão do sistema de saúde público, com políticas que aumentem o acesso da população, com como não permitir que tecnologias esgotem completamente com os recursos naturais.

Separar o aspecto técnico do todo que é um conhecimento tecnológico é ignorar todos os desdobramentos da tecnologia na sociedade, nas pessoas, no meio ambiente, etc. Mesmo um engenheiro deve compreender que o produto que está sendo criado usa recursos de uma natureza limitada, que ele estará inserido num contexto social com as instituições e suas leis, enfim, que será usado por pessoas que pensam e agem segundo preceitos morais, religiosos, político-ideológicos, etc. Fazer essa separação só é interessante para a parcela da população preocupada na tecnologia como mercadoria: se serve para aumentar uma riqueza própria, é secundário os impactos que isso poderá ter num ambiente, numa sociedade, em pessoas que não exatamente si mesmo.

Neste mesmo sentido, podemos contestar a própria noção de *utilidade*. O que é considerado útil na sociedade atual? Seria o que de fato provê uma *melhoria qualitativa* da humanidade ou será que estaria necessariamente relacionado com *valor mercadológico*?

Podemos facilmente comprar tecnologia, comprar remédios, comprar

uma consulta médica, comprar um serviço de advocacia, ... Mas podemos comprar um conceito de filosofia? Podemos comprar um quadro, mas podemos comprar a ideia de belo? As experiências sensíveis que um objeto de arte suscita?

A pesquisa em filosofia cria linguagens, elementos simbólicos para entendimento de mundo. Cria aparatos para entendimento e reflexão sobre problemas, e cria novos problemas a serem resolvidos ou ao menos pensados. A pesquisa em história cria nossas memórias, apresenta temporalidades, nos ajuda a entender o presente e criar o futuro tendo como base o passado e ajuda a remontar o passado às luzes do presente. A pesquisa em ciências sociais analisa as sociedades, suas deficiências, seus desbalanços. Nos dá informações para pensar as estruturas das sociedades anteriores bem como pensar novas estruturas na sociedade atual. Por fim a pesquisa em artes nos dá novos meios de enxergar e interpretar o mundo que nos cerca. Também explora o campo das experiências sensíveis mais intensas e dos nossos processos de subjetivação no fazer artístico.

Longe de ser uma lista exaustiva do que é produzido pelas ciências humanas e pelas artes, podemos ver que as questões estudadas são muito importantes para um progresso qualitativo da sociedade e dos indivíduos que a compõe. Apesar disso, *não geram riqueza*. Ou pelo menos não nos termos da sociedade capitalista em que vivemos - sociedade que se orienta quase que exclusivamente pelo aumento quantitativo de lucro individual.

Espero ter podido mostrar que, apesar de não ser exatamente interessante para as elites econômicas brasileiras, as pesquisas em humanidades e em artes são muito benéficas, ou mesmo necessárias, para o bom desenvolvimento da sociedade e para uma melhoria de fato na vida da população. E também como o suposto “retorno mais imediato” das áreas de conhecimento mais técnicas também é contestável e até dependente das humanidades para que se torne real.

Rafael Gonçalves

Manifesto de Córdoba, 1918

Da Juventude Argentina de Córdoba aos homens livres da América.

Homens de uma República livre, acabamos de romper a última corrente que, em pleno século XX, nos atava à antiga dominação monárquica e monástica. Resolvemos chamar todas as coisas pelos nomes que têm. Córdoba se redime. A partir de hoje contamos para o país uma vergonha a menos e uma liberdade a mais. As dores que ficam são as liberdades que faltam. Acreditamos que não erramos, as ressonâncias do coração nos advertem: estamos pisando sobre uma revolução, estamos vivendo uma hora americana.

A rebeldia estala agora em Córdoba e é violenta porque aqui os tiranos tinham muita soberba e era necessário apagar para sempre a lembrança dos contra-revolucionários de maio. As universidades foram até aqui o refúgio secular dos medíocres, a renda dos ignorantes, a hospitalização segura dos inválidos e – o que é ainda pior – o lugar onde todas as formas de tiranizar e de insensibilizar acharam a cátedra que as ditasse. As universidades chegaram a ser assim fiel reflexo destas sociedades decadentes que se empenham em oferecer este triste espetáculo de uma imobilidade senil. Por isso é que a ciência frente a essas casas mudas e fechadas, passa silenciosa ou entra mutilada e grotesca no serviço burocrático. Quando em momento fugaz abre suas portas aos altos espíritos é para arrepender-se logo e fazer-lhes impossível a vida em seu recinto. Por isso é que, dentro de semelhante regime, as forças naturais levam a mediocrizar o ensino, e o alargamento vital de organismos

universitários não é o fruto do desenvolvimento orgânico, mas o alento da periodicidade revolucionária.

Nosso regime universitário – mesmo o mais recente – é anacrônico. Está fundado sobre uma espécie de direito divino; o direito divino do professorado universitário. Acredita em si mesmo. Nele nasce e nele morre. Mantém uma distância olímpica. A federação universitária de Córdoba se levanta para lutar contra esse regime e entende que nele se vai a vida. Reivindica um governo estritamente democrático e sustenta que a comunidade universitária, a soberania, o direito de dar-se governo próprio radica principalmente nos estudantes. O conceito de autoridade que corresponde e acompanha um diretor ou um professor em um lar de estudantes universitários não pode apoiar-se na força de disciplinas estranhas à substância mesma dos estudos. A autoridade, em um lar de estudantes, não se exercita mandando, mas sugerindo e amando: ensinando.

Se não existe uma vinculação espiritual entre o que ensina e o que aprende, todo ensino é hostil e por conseguinte infecundo. Toda a educação é uma longa obra de amor aos que aprendem. Fundar a garantia de uma paz fecunda no artigo combinatório de um regulamento ou de um estatuto é, em todo caso, amparar um regime de quartel, mas não um trabalho de ciência. Manter a atual relação de governantes e governados é agitar o fermento de futuros transtornos. As almas dos jovens devem ser movidas por forças espirituais. Os meios já gastos da

autoridade que emana da força não se conformam com o que reivindica o sentimento e o conceito moderno das universidades. O estalo do chicote só pode atestar o silêncio dos inconscientes e dos covardes. A única atitude silenciosa, que cabe em um instituto de ciência é a do que escuta uma verdade ou a do que experimenta para acreditar ou comprová-la.

Por isso queremos arrancar na raiz do organismo universitário o arcaico e bárbaro conceito de autoridade que nestas casas de estudo é um baluarte de absurda tirania e só serve para proteger criminalmente a falsa dignidade e a falsa competência. Agora advertimos que a recente reforma, sinceramente liberal, trazida à Universidade de Córdoba pelo Doutor José Nicolás Matienzo não inaugurou uma democracia universitária; sancionou o predomínio de uma casta de professores. Os interesses criados em torno dos medíocres encontraram nela um inesperado apoio. Nos acusam agora de insurretos em nome de uma ordem que não discutimos, mas que nada tem que fazer conosco. Se é assim, se em nome da ordem querem continuar nos enganando e embrutecendo, proclamamos bem alto o direito da insurreição.

Então a única porta que fica aberta para nós à esperança é o destino heróico da juventude. O sacrifício é nosso melhor estímulo; a redenção espiritual das juventudes americanas nossa única recompensa, pois sabemos que nossas verdades são de todo o continente. Que em nosso país uma lei – se diz -, a lei de Avellaneda, se opõe à nossas aspirações? Pois reformem a lei, que nossa saúde moral está exigindo.

A juventude vive sempre em transe de heroísmo. É desinteressada, é pura. Não teve tempo ainda de contaminar-se. Não se equivoca nunca na eleição de seus próprios mestres. Ante aos jovens não se faz mérito adulando ou comprando. É preciso deixar que eles mesmos elejam seus professores e diretores, seguros de que o acerto vai coroar suas determinações. Adiante, só poderão se professores na república universitária os verdadeiros construtores de almas, os criadores de verdade, de beleza e de bem. A juventude de universitária de Córdoba crê que há chegada a hora de expor este grave problema à consideração do país de seus homens representativos.

Os acontecimentos recentes da Universidade de Córdoba, com o motivo da eleição para reitor, esclarecem singularmente nossa razão de como apreciar o conflito universitário. A federação universitária de Córdoba acredita que deve fazer conhecer ao país e à América as circunstâncias de ordem moral e jurídica que invalidam o ato eleitoral verificado no dia 15 de junho. Ao confessar os ideais e princípios que movem a juventude nesta hora única de sua vida, quer referir os aspectos locais do conflito e levantar bem alta a chama que está queimando o velho reduto da opressão clerical. Na Universidade Nacional de Córdoba e nesta cidade não foram presenciadas desordens; se contemplou e se contempla o nascimento de uma verdadeira revolução que há de agrupar bem rápido sob sua bandeira a todos os homens livres do continente. Relataremos os acontecimentos para que se veja quanta razão tínhamos e quanta vergonha nos tirou a covardia e falsidade dos reacionários.

Os atos de violência, dos quais nos responsabilizamos integralmente, se cumpriam como no exercício de puras idéias. Derrubamos o que representava o anacrônico e o fizemos para poder levantar o coração sobre essas ruínas. Aquilo representa também a medida de nossa indignação na presença da miséria moral, da simulação e do engano arteiro que pretendia filtrar-se com as aparências da legalidade. O sentido moral estava obscuro nas classes dirigentes por uma hipocrisia tradicional e por uma pavorosa indigência de ideais.

O espetáculo que oferecia a assembléia universitária era repugnante. Grupos de amorais desejosos de captar-se a boa vontade do futuro reitor exploravam os contornos no primeiro escrutínio, para inclinar-se depois ao bando que parecia assegurar o triunfo, sem lembrar a adesão publicamente empenhada, o compromisso de honra contraído pelos interesses da universidade. Outros – os demais – em nome do sentimento religioso e sob a advocação pelos interesses da Companhia de Jesus, exortavam à traição e ao pronunciamento subalterno (Curiosa religião que ensina a menosprezar a honra e rebaixar a personalidade! Religião para vencidos ou para escravos!). Tinha-se obtido uma reforma liberal mediante o sacrifício heróico de uma juventude. Acreditava-se ter conquistado uma garantia e da garantia se apoderavam os únicos inimigos da reforma. Na sombra, os jesuítas tinham preparado o triunfo de uma profunda imoralidade. Consentir com isso seria outra traição. À enganação respondemos com a revolução. A maioria representava a soma da repressão, da ignorância e do vício. Então demos a única

lição que cabia e espantamos para sempre a ameaça do domínio clerical.

A sanção moral é nossa. O direito também. Aqueles puderam obter a sanção jurídica, embutir-se na lei. Não permitimos. Antes de que a iniquidade fosse um ato jurídico, irrevogável e completo, nos apoderamos do salão de atos e expulsamos os canalhas, só então amedontrada. Que isso é certo, o patentiza o fato de, logo depois, a federação universitária ter feito uma sessão no próprio salão de atos e de mil estudantes terem assinado sobre o mesmo púlpito do reitor, a declaração de greve por tempo indeterminado.

De fato, os estatutos reformados dispõem que a eleição para reitor terminará em uma só sessão, proclamando-se imediatamente o resultado, com a leitura de cada uma das cédulas e a aprovação da respectiva ata. Afirmamos, sem temor de ser corrigidos, que as cédulas não foram lidas, que a ata não foi aprovada, que o reitor não foi proclamado, e que, por conseguinte, para a lei, ainda não existe reitor nesta universidade.

A juventude universitária de Córdoba afirma que jamais fez questão de nomes nem de empregos. Levantou-se contra um regime administrativo, contra um método docente, contra um conceito de autoridade. As funções públicas se exercitavam em benefício de determinadas camarilhas. Não se reformavam nem planos nem regulamentos por medo de que alguém nas mudanças pudesse perder o emprego. O lema “hoje para você, amanhã para mim”, corria de boca em boca e assumia a validade de estatuto universitário. Os métodos docentes estavam viciados de um estrito dogmatismo, contribuindo em manter a universidade distante da ciência e

das disciplinas modernas. As eleições, encerradas na repetição interminável de velos textos, amparavam o espírito de rotina e de submissão. Os corpos universitários, zelosos guardiões dos dogmas, tratavam de manter a juventude na clausura, acreditando que a conspiração do silêncio pode ser exercitada contra a ciência. Foi então quando a obscura universidade mediterrânea fechou suas portas a Ferri, Ferrero, Palacios e outros, ante o medo de que fosse perturbada sua plácida ignorância. Fizemos então uma santa revolução e o regime caiu a nossos golpes.

Acreditamos honradamente que nosso esforço tinha criado algo novo, que pelo menos a elevação de nossos ideais merecia algum respeito. Assombrados, contemplamos então como se coligavam para arrebatá-la nossa conquista os mais crus reacionários. Não podemos deixar nossa sorte à tirania de uma seita religiosa, nem ao jogo de interesses egoístas. Eles querem nos sacrificar.

O que se intitula reitor da Universidade de San Carlos disse sua primeira palavra: "Prefiro antes de renunciar que fique o varal de cadáveres dos estudantes". Palavras cheias de piedade e de amor, de respeito reverencioso à disciplina; palavras dignas do chefe de uma casa de altos estudos. Não invoca ideais nem propósitos de ação cultural. Se sente custodiado pela força e se levanta soberbo e ameaçador.

Harmoniosa lição que acaba de dar à juventude o primeiro cidadão de uma

democracia universitária! Recolhemos a lição, companheiros de toda a América; talvez tenha o sentido de um presságio glorioso, a virtude de um chamado à luta suprema pela liberdade; ela nos mostra o verdadeiro caráter da autoridade universitária, tirânica e obcecada, que vê em cada petição um prejuízo e em cada pensamento uma semente da rebelião.

A juventude já não pede. Exige que se reconheça o direito de exteriorizar esse pensamento próprio nos corpos universitários por meio de seus representantes. Está cansada de suportar os tiranos. Se foi capaz de realizar uma revolução nas consciências, não pode desconhecer-se a capacidade de intervir no governo de sua própria casa.

A juventude universitária de Córdoba, por meio de sua federação, saúda os companheiros da América toda e os incita a colaborar na obra de liberdade que se inicia.

Enrique F. Barros, Horacio Valdés, Ismael C. Bordabehere, Presidentes

Gumersindo Sayago, Alfredo Castellanos,

Luis M. Méndez, Jorge L. Bazante, Ceferino Garzón Maceda, Julio Molina, Carlos Suárez Pinto, Emilio R. Biagosch, Angel J. Nigro, Natalio J. Saibene, Antonio Medina Allende y Ernesto Garzón.



Rafael Kotchetkoff Carneiro

Insustentável Leveza

A pipa leve
leva nela
o sorriso da Criança

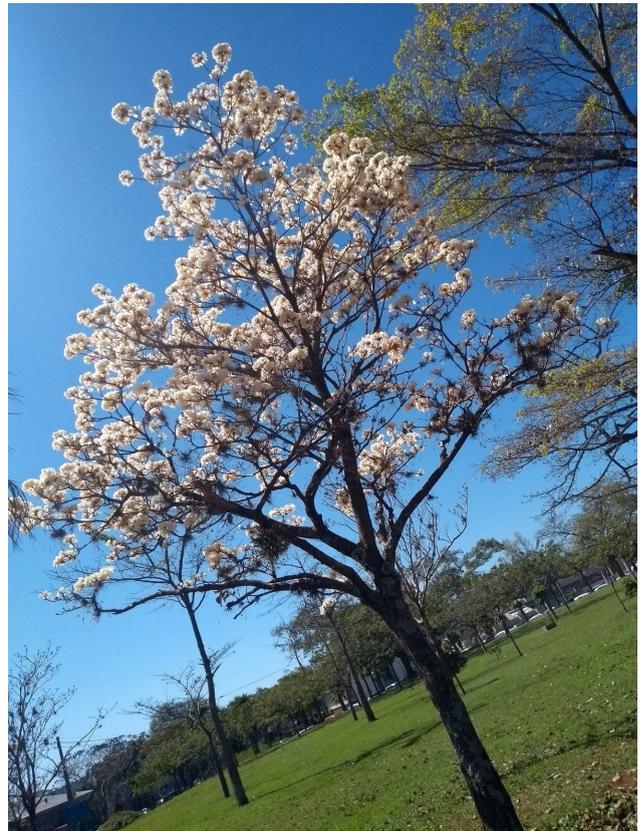
O pé se mexe
e remexe a areia
enquanto a rabiola dança

O céu azul toca o mar
e o papagaio toca o coração
do Velho que há muito não leva
a vida leve
da sua criação

- Rafael Kotchetkoff Carneiro

A CALMA
ACALMA
A ALMA
A PACIÊNCIA
PACIFICA
E FICA
A CALMA
PACIFICA
ACALMA
E FICA
A PACIÊNCIA

- RAFAEL KOTCHETKOFF CARNEIRO



Rafael Gonçalves

Sobre sentir

Se é intenso

Bom, agradável, feliz

Ruim

Se dói, se destrói, se aflige

Mata

Me faz acreditar que vivo

Me faz existir

Enfim



Rafael Gonçalves

- Rafael Gonçalves

Armas

por obrigação... piada de mau gosto

Caralho ninguém pega em armas por
obrigação

Mais de obrigação em obrigação

Fazemos a guerra

É uma mãe agora já sem filho

Um filho sem um pai

Agora um país que de pai em pai

Filho por filho

Digo de amor e amores perdidos

transforma se na terra onde amor

é facilmente se transforma em ódio

- Arimã da Silva Alves Batista

Entre Homens
Nem tem como você mudar o teu filho
Nem você nem deus
Nem a psicanálise resolve
Muito menos cientistas
Não existe cura
Se é um fardo dado
Pelo diabo
Eu não sei
Mais se foi
Ele errou
ao criar
O amor

- Arimã da Silva
Alves Batista

Realmente Amor?
Tu que não tens medo de amar
Não tens porque não sofreu?
Ou tens coração forte?
Posso ser sua?
Confiar meu coração ao teu?
Vou te falar que é uma tarefa difícil
Cheio de curvas e pedras
Amar não é pros fracos e indecisos
É pros fortes
Aqueles que aguentam a sobrecarga
É uma brincadeira que machuca
É um jogo que satisfaz
- Arimã da Silva Alves Batista

Título: Planeswalker

Não deve ter passado pela cabeça
Dos meus tataratataravós
Que seus genes estariam presentes no sangue
De uma pessoa legitimamente brasileira
Que hoje pensa nos seus ancestrais não
imaginando uma tataratataraneta nascendo
do outro lado do mundo

Nenhum deles sequer deve ter sonhado
Que atualmente haveria sociólogos
Estudiosos desse fenômeno caótico
Gerador de histórias tão

Dolorosas
Emocionantes
Curiosas

Gerador de inquietude
De debates políticos

De questionamentos
Sobre o que é ser legitimamente brasileiro

De admiração
Pela beleza do caos que este mundo oferece
Pela necessidade de encontrar padrão
Na linguagem, nos cristais, mitos, rituais e
preces

Diferentes cenários, situações aleatórias
Mesmos dilemas em distintas trajetórias

E neste sagrado retorno
Do mais ousado e expansivo filho de Cronos
A territórios tão passionais, íntimos e
misteriosos
Em posição exposta, poderosa

Caminho eu entre os mundos

Mundo analógico
Mundo digital

Mundo das partículas
Mundo das ondas

Mundo branco
Mundo amarelo

Mundo social
Mundo biológico

Mundo onde estudei com filhos
de donos de redes Graal
Mundo onde estudei com filhos
de quem conta moedas pro passe do busão
municipal

Portando um caduceu
27th path trilho eu
Com a leveza e a lucidez
De quem tem as asas nos pés ♀

Melancolia Urbana

Nasce mais uma cria de apartamento
Ponham-na logo numa escolinha
Dá pra ela um celular, e que não seja lento
Tem que ter internet, ela fica quietinha

Ao redor dela quatro paredes de cimento
Cinquenta metros do solo, dê-lhe um
poodle
Tudo o que quiser, a qualquer momento
Criar vai ser moleza, é só botar assim no
google...

Com sorte ela entra nalgum fórum
neonazista
Vira pupilo de guru virtual, dos cheios de
merda
Quem sabe ela não passa a militar no
insta?
Quantos e quais dos seus vícios será que
ela herda?

Pague-lhe um cursinho caro, baita
investimento
Torça para que seja medicina, quem sabe
seja pública
Salve-na de qualquer tipo de sentimento
Diga para ela que não é especial, talvez
única

Pode ser que as quedas doam menos
Pode ser que ela seja daqueles gênios
Desperdiçados ou perdidos em prédios
amenos
Dando sangue e alma à espera de prêmios

À espera da sorte, de algum
reconhecimento
Que a meritocracia com certeza é justa
E que da parte dela não deve haver sinal
de lamento
Que não tem motivo para ela ficar puta

Os escombros e as cinzas sobre ela
Hão de ser retiradas porque deus é bom
Para cada vítima perdida, uma vela
E a promessa do nome eternizado em alto
e bom som

Nós, cidadãos de pedra, esqueletos de
ferro
Almas elétricas, que já aguentamos de
tudo
Sobrevivemos nos acordos, na espada, no
berro
Nada abalará o ser urbano, nem o deixará
mudo

Nem o vazio espiritual ou os gritos de
desespero
Nem atentados terroristas ou
manifestações populares
Para o renascer da fênix precisamos só
dum isqueiro
Resolve-se mais uma crise do sistema e se
renova os ares

No fundo somos bichos não menos
patéticos
Firmemente encabreistados, mas o
suficiente para o conforto
Vidas que por pouco aqui cabem em
versos cétricos
E eu, vago pelas ruas desconfiando estar
morto

Mas está tudo bem
Vai passar
Não passa
de uma
fase

Especular



Existo num mundo de espelhos. Não espelhos retos e planos, polidos e perfeitos. Cada um tem sua forma particular, sua textura única, suas deformações e seus efeitos. Ando e percebo reflexões, reflexões de reflexões, reflexões de reflexões de reflexões. Da minha imagem material? Não só. Também das imagens que projeto e reprojeto sobre os estímulos que a teia de espelhos me apresenta. Me percebo no reconhecimento do outro. Ou melhor, na minha percepção da imagem que o outro (espelho?) me apresenta. Projeto características que desejo ver, é verdade. Mas também projeto medos e angústias. No final das contas eu sei que estou sozinho, são só espelhos. Cada qual com sua deformação, não querem dizer nada sobre mim de fato. Sua complexidade de deformações, reflexões, desvios, fazem com que qualquer informação

apreendida deles me seja inútil. Mas ainda assim são espelhos. Não há outra forma de me enxergar. Construo minha imagem com fragmentos do que me percebo neles. Uma soma de opiniões singulares, ou um mosaico fragmentado e incompatível? Talvez eu seja mesmo um vampiro: aquele que não tem reflexo. Talvez sejam só reflexões de reflexões de reflexões de espelhos, sem informação alguma sobre mim, sobre quem eu sou. Mas essa é a pior possibilidade. Não ter reflexo, não poder nunca perceber a si mesmo, não se constituir como um eu, porque afinal a consciência do eu é a consciência dos outros sobre o eu. Ou talvez... eu seja só outro espelho, refletindo e refletindo imagens de outros espelhos.

Rafael Gonçalves

Dissociação



Tarde Vazia

Chove lá fora, aqui dentro também. Água escorre pela janela sem pressa e desce salgada até a boca. Em domingos como esse, as lágrimas nutrem o riacho de Barão Geraldo assim como mães da saudade fizeram com mar português. Nesta casa, embora não seja um orfanato, todos sofremos desse mal. Falta a fala para descrever tal sensação. Me levantei, me estiquei e pulei, mas nem forjas de ourives foram capazes de me fazer alcançar palavras, perdoe-me Bilac.

O vento uiva levemente, sem querer se mexer e leva o calor que ainda tinha no quarto para longe. Fora de qualquer alcance, terras inexploradas ou até inexistentes, antes fosse só banzo. Passárgada nunca conheci, nem vi ou senti. Não sei ao certo se minha terra tem palmeiras ou semáforos, se tem cabanas ou arranha-céus, se tem tons azuis e beges ou cinzas e pretos. Se procurasse tinta para tingir essa pintura não acharia o rótulo capaz.

Certa vez conheci uma senhora sem braço na padaria Alemã, Judite chamava-se. Esperava o pão, quando fui surpreendido por um sorriso frouxo de 'bom dia', mesmo em sua condição. A simpatia contagiante me levou a perguntar de onde saia sua alegria. Respondeu sem hesitar: das mais simples coisas saem os mais belos e honestos sorrisos. Contou-me que todos os dias despertava ao sol, tomava café da manhã como na época de criança na fazenda, sentia-se em casa. Sabia sua origem, mineira com muito orgulho, mesmo fora de sua terra sabia qual era. Receita essa que não tinha efeito para quem não tem, de onde sou?

O que faz de uma casa um lar? Os mochileiros de primeira viagem não pensariam duas vezes antes de falar que

é onde estão. Já os mais experientes falam que é o próprio mundo. Suas histórias são escritas em carimbos do passaporte, porém não se mente a origem. Essa vivência nos permite abraçar o mundo, mas não a quem realmente importa. Distâncias que se encurtam na mensagem e dissolvem-se no sentido. A bússola não sabe para onde apontar, mas pouco importa se sabe o porquê. Só nós somos capazes de encontrar a direção de casa e ela não mente, é onde está quem amamos.

A chuva já se afasta, as nuvens fogem, enquanto surro o choro reprimido numa carta saudosa. Quem escreve cartas ainda hoje? Talvez nunca a envie, por que escrever? Deixar sua marca? Ou dar lar ao que não é capaz de ser falado? Talvez a mistura complexa e caótica de todas. De onde vêm as ideias? Correm, pulam, espirram, escorregam, mas então gritam e marcam o papel. Não aparece nem desaparece, simplesmente nasce dentro do ser, nele sofre, vive, sente, ama e então... escreve.

A tarde vazia esvai em meros sons de gotas das árvores num ritmo descoordenado. O vento drena o que ainda há de nuvens e o papel o que ainda estava em mim. Resta apenas um saudosismo nostálgico de fins de tarde na varanda com a família. O céu vai sangrando ao fundo, vermelho, laranja ou azul? Ousado o artista que com uma paleta inteira de cores pinta. Abundância de quem não depende de rótulos para ser ou viver. Onde se apenas é com quem se está.

Pedro Mendes

(Transcrição do texto lido pelo Mia Couto na Conferência do Estoril de 2011)

Murar o Medo

O medo foi um dos meus primeiros mestres. Antes de ganhar confiança em celestiais criaturas, aprendi a temer monstros, fantasmas e demônios. Os anjos, quando chegaram, já era para me guardarem. Os anjos atuavam como uma espécie de agentes de segurança privada das almas.

Nem sempre os que me protegiam sabiam da diferença entre sentimento e realidade. Isso acontecia, por exemplo, quando me ensinavam a recear os desconhecidos. Na realidade, a maior parte da violência contra as crianças sempre foi praticada, não por estranhos, mas por parentes e conhecidos. Os fantasmas que serviam na minha infância reproduziam esse velho engano de que estamos mais seguros em ambiente que reconhecemos.

Os meus anjos da guarda tinham a ingenuidade de acreditar que eu estaria mais protegido apenas por não me aventurar para além da fronteira da minha língua, da minha cultura e do meu território. O medo foi, afinal, o mestre que mais me fez desaprender. Quando deixei a minha casa natal, uma invisível mão roubava-me a coragem de viver e a audácia de ser eu mesmo. No horizonte,

vislumbravam-se mais muros do que estradas.

Nessa altura algo me sugeria o seguinte: que há, neste mundo, mais medo de coisas más do que coisas más propriamente ditas.

No Moçambique colonial em que nasci e cresci, a narrativa do medo tinha um invejável *casting* internacional. Os chineses que comiam crianças, os chamados terroristas que lutavam pela independência e um ateu barbudo com um nome alemão. Esses fantasmas tiveram o fim de todos os fantasmas: morreram quando morreu o medo.

Os chineses abriram restaurantes à nossa porta, os ditos terroristas são hoje governantes respeitáveis e Carl Marx, o ateu barbudo, é um simpático avô que não deixou descendência. O preço dessa construção de terror foi, no entanto, trágico para o continente africano. Em nome da luta contra o comunismo, cometeram-se as mais indizíveis barbaridades.

Em nome da segurança mundial, foram colocados e conservados no poder alguns dos ditadores mais sanguinários de toda a história. A mais grave dessa longa herança de intervenção externa é a facilidade com que as elites africanas continuam a culpar os outros pelos seus próprios fracassos.

A Guerra Fria esfriou, mas o maniqueísmo que a sustinha não desarmou, inventando

rapidamente outras geografias do medo: a Oriente e a Ocidente e, por que se trata de entidades demoníacas, não bastam os seculares meios de governação. Precisamos de intervenção com legitimidade divina.

O que era ideologia passou a ser crença. O que era política, tornou-se religião. O que era religião, passou a ser estratégia de poder.

Para fabricar armas, é preciso fabricar inimigos. Para produzir inimigos, é imperioso sustentar fantasmas.

A manutenção desse alvoroço requer um dispendioso aparato e um batalhão de especialistas que, em segredo, tomam decisões em nosso nome. Eis o que nos dizem: para superarmos as ameaças domésticas, precisamos de mais polícia, mais prisões, mais segurança privada e menos privacidade. Para enfrentarmos as ameaças globais, precisamos de mais exércitos, mais serviços secretos e a suspensão temporária da nossa cidadania. Todos sabemos que o caminho verdadeiro tem que ser outro. Todos sabemos que esse outro caminho poderia começar, por exemplo, pelo desejo de conhecermos melhor esses que, de um e de outro lado, aprendemos a chamar de “eles”. Aos adversários políticos e militares juntam-se agora o clima, a demografia e as epidemias. O sentimento que se criou é o seguinte: a realidade é perigosa, a

natureza é traiçoeira e a humanidade, imprevisível.

Vivemos como cidadãos, e como espécie, em permanente situação de emergência. Como em qualquer outro estado de sítio, as liberdades individuais devem ser contidas, a privacidade pode ser invadida e a racionalidade deve ser suspensa. Todas essas restrições servem para que não sejam feitas perguntas, como por exemplo, estas: por que motivo a crise financeira não atingiu a indústria do armamento? Por que motivo se gastou, apenas no ano passado, um trilhão e meio de dólares em armamento militar? Por que razão os que hoje tentam proteger os civis na Líbia são exatamente os que mais armas venderam ao regime do coronel Kadafi? Por que motivo se realizam mais seminários sobre segurança do que sobre justiça? Se queremos resolver e não apenas discutir a segurança mundial, teremos que enfrentar ameaças bem reais e urgentes.

Há uma arma de destruição massiva que está sendo usada todos os dias, em todo o mundo, sem que seja preciso o pretexto da guerra.

Essa arma chama-se fome.

Em pleno século XXI, um em cada seis seres humanos passa fome. O custo para superar a fome mundial seria uma fração muito pequena do que se gasta em armamento. A fome será, sem dúvida, a

maior causa de insegurança do nosso tempo.

Mencionarei ainda uma outra silenciada violência: em todo o mundo, uma em cada três mulheres foi -- ou será -- vítima de violência física ou sexual durante o seu tempo de vida. É verdade que, sobre uma grande parte do nosso planeta, pesa uma condenação antecipada pelo fato simples de serem mulheres.

A nossa indignação, porém, é bem menor que o medo. Sem darmos conta, fomos convertidos em soldados de um exército sem nome e, como militares sem farda, deixamos de questionar. Deixamos de fazer perguntas e discutir razões. As questões de ética são esquecidas, porque está provada a barbaridade dos outros e, porque estamos em guerra, não temos que fazer prova de coerência, nem de ética nem de legalidade.

É sintomático que a única construção humana que pode ser vista do espaço seja uma muralha. A Grande Muralha foi erguida para proteger a China das guerras e das invasões. A Muralha não evitou conflitos nem parou os invasores.

Possivelmente morreram mais chineses construindo a muralha do que vítimas das invasões que realmente aconteceram. Diz-se que alguns trabalhadores que morreram foram emparedados na sua própria construção.

Esses corpos convertidos em muro e pedra são uma metáfora do quanto o medo nos pode aprisionar.

Há muros que separam nações, há muros que dividem pobres e ricos, mas não há hoje, no mundo um muro, que separe os que têm medo dos que não têm medo. Sob as mesmas nuvens cinzentas vivemos todos nós, do sul e do norte, do ocidente e do oriente. Citarei Eduardo Galiano acerca disto, que é o medo global, e dizer:

"Os que trabalham têm medo de perder o trabalho; os que não trabalham têm medo de nunca encontrar trabalho; quando não têm medo da fome têm medo da comida; os civis têm medo dos militares; os militares têm medo da falta de armas e as armas têm medo da falta de guerras."

E, se calhar, acrescento agora eu: há quem tenha medo que o medo acabe.

Quer ver seu texto, foto ou desenho divulgado aqui
no PV?

Basta escrever para:

pvjornal.cabs@gmail.com

